



As aljamias hebraicas, sistemas de escrita híbridos

The Hebrew Aljamias, a Hybrid Writing System

Aléxia Teles Duchowny*

Maria Antonieta A. de M. Cohen**

Resumo: As aljamias hebraicas são o resultado da mistura do sistema de escrita latino e do sistema de escrita hebraico, juntamente à criação de regras intrínsecas a essa nova escrita. Objetiva-se compreendê-las com maior clareza, tomando-se como ponto de referência o manuscrito judaico do século 15 *De magia* (Ms. Laud Or. 282, Bodleian Library). Para tal, o sistema de chegada – a aljâmia hebraica – será comparada com os sistemas de partida – o hebraico e o português. Verifica-se que o sistema latino é o mais redundante, o mais completo, porém o menos econômico dos sistemas de escrita. Já o hebraico é o menos redundante, o menos completo e o mais econômico dentre eles, ficando a aljâmia em um ponto intermediário entre os dois extremos. Sistema híbrido, porém eficaz meio de comunicação, permitindo a legibilidade satisfatória do texto aljamiado.

Palavras-chave: Sistemas de escrita. Línguas judaicas. Aljâmia.

Abstract: The Hebrew aljamias are the result of the mixture of the Latin writing system and the Hebrew writing system, along with the creation of new rules intrinsic to this writing. Our aim is to understand this hybrid writing system more clearly, taking as reference point the 15th Jewish manuscript *De magia* (Ms. Laud Or. 282, Bodleian Library). To this end, the system of arrival – the hebrew aljâmia – is compared with the starting systems – Hebrew and Portuguese. We can conclude that Latin is the most redundant and the most complete, but the least economical writing systems. On the other hand, Hebrew is the least redundant, the most economical and the least complete among them, situating the aljâmia at an intermediate point between the two extremes. This system, resulting from so many changes and accommodations of rules, allows a satisfactory readability of the text and is an efficient tool for communication between its users.

Keywords: Writing systems. Jewish languages. Aljâmia.



Introdução

Os sistemas de escrita e os resultados decorrentes do contato entre variados sistemas é uma correlação que aparece em escassos estudos na área da Linguística. As investigações se preocupam, na sua maioria, com a oralidade, tendo a Linguística pós-saussureana ignorado quase que completamente a escrita. Há estudos muitas vezes etnocêntricos e que enfatizam a aparência física das escritas, deixando de lado outras análises.

O interesse pelas transformações resultantes da “mistura” entre sistemas de escrita surgiu a partir da leitura de Sampson (1996) que faz as seguintes perguntas, entre tantas outras, inseridas nas categorias da tipologia, história e psicologia dos sistemas de escrita, respectivamente: “Certos tipos de língua falada são mais compatíveis com um certo sistema de escrita?”; “Qual o papel dos fatores externos à estrutura linguística na adoção de determinadas escritas por diferentes comunidades?”; “Os processos mentais do leitor diferem conforme o sistema de escrita?”

Não se tem a intenção, aqui, de responder com exaustividade a tão complexas indagações. Entretanto, há um tipo de escrita que, qualquer que seja a aproximação que se fizer dela, torna inevitável levar em conta a correlação entre as categorias especificadas por Sampson (1996): as aljamias hebraicas em língua portuguesa. Assim, o objetivo dessa reflexão é compreender melhor os sistemas de escritas das aljamias hebraicas, tendo como ponto de referência o manuscrito português *De magia* (*Ms. Laud Or.*, 282), da Bodleian Library, em Oxford, Inglaterra, datado da primeira metade do século 15. Esse guia astrológico, em língua portuguesa, está escrito em caracteres hebraicos semicursivos do século 15 (GONZÁLEZ LLUBERA, 1952), sendo composto por 416 fólios, conforme Duchowny (2007).

Veja-se a seguir um pequeno excerto do *De magia*, a título de ilustração (fólio 1r, linhas 8-9):

(1a) אקומיסיאי די קונפואיר ישטי ליברו דוש דיטוש דוש אואטרוש אי דאש קואושש
קי איאו שופי

(1b) k^wm^{ys}y^y d^y k^wnp^wyr ysty l^ybr^w d^{ws} d^{yt}ws d^{ws} w^wtr^{ws}y d^s k^wss
k^y 'y^w s^wb'

(1c) Acomecei de conpoer este libro dos ditos dos outros e das cous<a>s que eu sobe



Em (1a), tem-se o texto digitado em caracteres hebraicos modernos (apenas por questão de praticidade de manipulação da fonte), tal como se encontra no original, o qual deve ser lido da direita para a esquerda. Em (1b), foi feita a transcrição de (1a) sem se levar em conta o fato de a escrita representar o português ou qualquer outra língua, devendo o trecho ser lido da esquerda para a direita. Deu-se atenção apenas aos grafemas em si. Assim, o grafema *álef* foi transcrito sempre como <'>, independente do seu significado fônico para o leitor fluente em judeu-português. O mesmo aconteceu com *vav* vocálico (sempre <w>) e *yud* (sempre <y>). O objetivo é que se possa perceber as ambiguidades carregadas pelos grafemas e as estratégias acarretadas por essa opacidade. Em (1c), o mesmo trecho foi transcrito levando-se em conta o fato de ser uma aljâmia que representa o português do século 15. Consequentemente, (i) *álef* (א) deve ser transcrito como <a> (comparem-se o primeiro <'> de <'k^wm^ys^y'y> com o <a> de <acomecei>) ou não ter representação fônica alguma (comparem-se os dois *álef* de <'y'w> com <eu> (e não *aeau); o primeiro *álef*, antecedendo <y>, serve apenas para introduzir uma vogal, a qual nunca pode iniciar palavra, e o segundo, antecedendo <w>, serve para separar uma vogal da outra em um encontro vocálico;

(ii) *yud* (י) deve ser transcrito como <i> ou <e>: em <d^yt^ws>, ele é transcrito como <i> (<ditos> e não *detos); já em <'y>, é transcrito como <e> (conjunção <e> e não *i);

(iii) *vav* (ו) pode ser entendido como <o> ou <u>, dependendo da palavra. Então, em <l^ybr^w>, <w> deve ser lido como <o> (e não <u>) e em <w'^w'tr^ws> o primeiro <w> é um <o> e o segundo um <u>.

A definição do termo “aljâmia” não é unânime: Lopes (1897), Minervini (1992), o dicionário da Real Academia Española (1992), Houaiss; Villar; Franco (2001), Duchowny (2012) apresentam opiniões diferentes sobre o tema e não se consegue chegar a um acordo. A que mais interessa a esse estudo é a definição de Escolar (1993, p. 151), que define “aljâmia” como “a transcrição em caracteres hebraicos, seja do árabe, do castelhano ou de outra língua, costume universal da diáspora judaica.”

Apesar de gerar bem menos estranhamento, não menos difícil é a explicação do conceito “sistema de escrita” ou “escrita”. Fica-se aqui com a definição de Trask (2004, p. 274): “sistema convencional para representar uma língua por meio de sinais permanentes”, no qual “qualquer enunciado da língua pode ser escrito adequadamente.” Apesar da dificuldade de caracterização, Cagliari (2000, p. 112) lembra, porém, que “a escrita, seja ela qual for, sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva religiosa, mágica, científica, artística e cultural.”



Outro estímulo para essa reflexão foi o fato de, ao abrir qualquer obra relativa ao contato entre línguas, nada encontrar sobre os textos aljamiados. Na verdade, não faltam estudos sobre as aljamias judeu-espanholas e as arábicas, havendo inúmeros trabalhos e edições relativos a seus textos. Os artigos de Lopes (1897) e Teyssier (1977) são exceções que tratam do judeu-português. Hegyi (1981) também cita as aljamias portuguesas, mas de maneira abrangente. Mesmo assim, todos eles tratam de textos em caracteres árabes e em língua portuguesa. Apenas Duchowny (2007, 2010a, 2010b, 2012) e Strolovitch (2000; 2005) estudam especificamente as aljamias portuguesas em caracteres hebraicos. Essa escassez de estudos não se justifica pela quantidade de textos em aljâmia hebraica: tanto Sirat (2002) quanto a *Enciclopedia Judaica Castellana* (1950) lembram que há muitos manuscritos e impressos, a maioria inéditos, nas mais variadas línguas e dialetos, escritos em caracteres hebraicos. Eles se encontram espalhados em bibliotecas e arquivos de países variados, na maioria das vezes, na seção de textos orientais.

1 Os sistemas de partida

Os dois sistemas de partida, o hebraico e o latino, apresentam muitas características que são transmitidas ao sistema híbrido decorrente do cruzamento entre os dois, em menor ou maior grau, parcial ou inteiramente. De acordo com Saussure (1985), seriam todos sistemas fonográficos baseados no significante, dependendo, ao contrário dos sistemas ideográficos, dos elementos sonoros das respectivas línguas para serem lidos e decifrados.

O poder de interpretação semântica, então, tem papel fundamental nos três sistemas. Há várias informações, dadas apenas parcialmente, que são recuperadas pelo conhecimento de mundo e da própria língua do leitor e que não são fornecidas pelas escritas. É por isso que o trecho do *De magia* exemplificado em (1a, b, c), com suas variadas opacidades, pode ser lido sem sobressaltos por um consulente comum, um conhecedor das regras.

O que Cagliari (2000) afirma apenas para o sistema de escrita do português pode ser aplicado ao sistema hebraico, ao latino e ao aljamiado: não há indicação, nessas escritas, da duração relativa de cada sílaba, do acento tônico,¹ do ritmo da fala, da entonação e da nasalidade, da velocidade da fala e da qualidade da voz. Nada disso, porém, impede uma leitura fluida por parte do consulente com bom grau de letramento.

Na escrita latina, as distinções, em geral, entre as vogais são muito mais decisivas: elas estabelecem não somente contrastes lexicais como chegam a ter



propósitos gramaticais, o que explicaria o desejo/necessidade de que as línguas europeias fossem escritas com letras representando vogais.

Já uma língua semítica, como o hebraico, consiste, em grande parte, de palavras derivadas de uma raiz que é formada apenas por consoantes (três, normalmente), entre as quais são interpostos diferentes padrões de vogais, representando diferentes flexões gramaticais (LAMBERT, 1946). As línguas semíticas apresentam um sistema com cerca de 20 letras e “como as vogais são previsíveis pelo sentido geral do texto, desde os egípcios, as línguas semíticas acharam que podiam deixar de lado as vogais na escrita” (CAGLIARI, 2009, p. 38). A mais importante das propriedades estruturais da escrita semítica é a presença de grafes para as consoantes, mas nenhum para as vogais. Assim, “o leitor identifica as palavras usando as informações fornecidas pelas letras consonantais, sua compreensão do assunto e seu conhecimento dos padrões morfológicos e sintáticos característicos da língua” (SAMPSON, 1996, p. 86).

É indubitável, porém, a existência de desvantagens ao se ignorar as vogais na escrita, até mesmo para uma língua semítica, pois certas palavras só podem ser identificadas pelo vocalismo. O problema foi resolvido com as *matres lectionis*, letras que representam tanto uma consoante quanto uma vogal. Sampson (1996, p. 82) faz uma generalização das regras para o uso das *matres* (apesar de alertar para a quantidade substancial de exceções): (i) as vogais breves e reduzidas são ignoradas; (ii) entre as vogais longas, /i, u/, I e U são escritas J e W, respectivamente;² (iii) as vogais /e, o/ podem ser escritas opcionalmente J e W, respectivamente; (iv) a consoante /h/ funciona como *mater* em final de palavra, sendo usada para indicar a vogal longa não indicada por J ou W, ou seja, /a/ longa; (iv) as vogais em final de palavra devem ser indicadas por uma *mater*, o que anula (i); caso contrário, o leitor poderia não notar uma sílaba inteira, já que é muito comum, em hebraico, que uma palavra termine em consoante.

Como se pode concluir, a escrita *plene*, isto é, a escrita com *matres*, apresenta menos ambiguidades sob o aspecto fônico do que a escrita sem *matres*. No entanto, o leitor de hebraico, até hoje, não sente necessidade alguma de alterar seu sistema de escrita para uso no cotidiano. Para a interpretação da escrita hebraica, assim como para a escrita latina, o de hebraico precisa “perceber quais das várias palavras da língua são expressas por uma determinada sequência de letras” (SAMPSON, 1996, p. 94). Mas, ao contrário do leitor de escrita latina, o de escrita hebraica precisa inferir quais vogais devem ser inseridas entre as consoantes das palavras. Um leitor fluente faz essa “transcrição” mental de maneira rápida e eficaz e não se sente incomodado como um leitor de línguas latinas que tenta aprender a ler em caracteres hebraicos.



O sistema hebraico funciona de maneira plena, não gerando indecisões no leitor. Porém, em contraste com a ortografia latina, é impressionantemente desprovido de redundâncias, termo cunhado por Shannon e Weaver (1949). Em um sistema de escrita de redundância baixa, como o sistema hebraico em relação ao latino, a identificação de qualquer parte de um sinal é difícil de se predizer, havendo o restante do mesmo sinal. Quando se lê um texto fluentemente, não se examina todo o material fisicamente presente no texto. O contraste entre o hebraico e o português é explícito: no primeiro, o leitor é forçado a examinar o contexto de uma maneira mais cuidadosa, sendo bem mais difícil para um leitor de hebraico predizer a identidade de uma letra não examinada a partir da identidade de outras letras da palavra.

Outro aspecto de interesse é a distinção entre as formas das letras. Quanto mais diferentes forem as letras de um sistema entre si, mais fácil e rápido é a identificação de um grupo de letras. Ora, as 22 letras do alfabeto hebraico são muito mais parecidas entre si do que as 52 do alfabeto latino (caixa alta e baixa). Todo aprendiz inicial de hebraico sabe como as letras hebraicas são, com frequência, similares entre si. Comparem-se, por exemplo, *hei* (ה), *het* (ח) e *tet* (ט), *dálet* (ד) com *resh* (ר), *bet* (ב) com *kaf* (כ), *tsadik* (צ) com (*y*) *ain*.

Além de haver caixa alta e baixa (compare-se *A* com *a*, *Q* com *q*, *R* com *r*), a distinção visual da escrita latina é facilitada pela presença de ascendentes (*b*, *d*, *f*, *h*, *k*, *l*, *t*) e descendentes (*g*, *j*, *p*, *q*, *y*), em menor número no hebraico (ך , ם , ן , ף , ץ , sendo que, com exceção de *kof* (כ), as demais aparecem apenas em final de palavra, pouco favorecendo no melhor reconhecimento das palavras. Sendo assim, conforme Diringer (1968, p. 102), não é surpreendente que experimentos indiquem que leitores de hebraico façam fixação mais longa durante a leitura do que os leitores de línguas europeias. Cada amostragem de um texto tem de ser mais completa e, portanto, mais demorada se os grafemas apresentam poucos elementos distintivos.

2 O sistema de chegada

Faz-se necessário compreender a razão pela qual um texto em língua não semítica se encontra em caracteres hebraicos. Para Weinreich (1953), são os locutores que se encontram no centro do contato das línguas. Assim, deve-se levar em conta o comportamento dos indivíduos bilíngues, condicionado pelas relações socioculturais na comunidade em que vivem.

No caso dos usuários das aljamias, não podemos falar em um bilinguismo propriamente dito, já que o mais provável é que os judeus tivessem como língua materna a língua local, dos não judeus que eram maioria, e dominassem os



rudimentos do hebraico litúrgico. Mas pode-se elaborar três hipóteses para a necessidade de se criar um terceiro sistema de escrita: (i) dificultar a leitura do texto para se esconder seu conteúdo. Só tem condições de decifrar uma aljâmia hebraica o conhecedor da língua local que também seja alfabetizado em hebraico, restringindo bastante o número de leitores em potencial de um texto desse tipo; (ii) salvaguardar a memória do passado linguístico e expressar a individualidade judaica (HEGYI, 1981, p. 92).³ De fato, é só a partir da metade do século 20 que os caracteres latinos têm uso mais expandido entre os judeus; (iii) facilitar a leitura do texto, já que os judeus teriam maior fluência com o alfabeto hebraico, mesmo em um ambiente de supremacia do alfabeto latino.

Qualquer que seja a resposta, as aljâmias, sistemas mistos de escrita, mostram a viabilidade de uma mistura inicialmente impensável. Um sistema de escrita consonantal, criado para a representação de línguas semíticas, tem condições plenas para representar uma língua românica, ordinariamente escrita em caracteres latinos, cujo sistema é composto de consoantes e vogais.

Se se fizesse um paralelo com o fenômeno do empréstimo linguístico, seria possível usar o argumento de Bynon (1986, p. 255): línguas sem nenhuma herança em comum não sofreriam de uma “incompatibilidade” estrutural para empréstimo. Para a autora, “parece que, dado um contato lingüístico de certa intensidade e duração, não há nada que não possa ser difundido através dos limites das línguas.” Assim, não é surpreendente o cruzamento de dados entre dois sistemas de escrita tão díspares. De fato, as aljâmias corroboram a afirmação da autora.

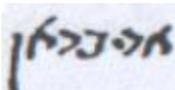
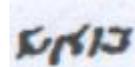
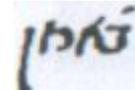
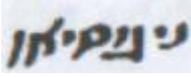
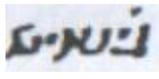
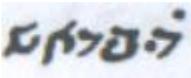
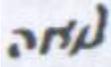
Concorda-se com Hegyi (1981, p. 99) que as aljâmias românicas escritas em caracteres hebraicos representam sistemas independentes, e não meros calcos do sistema hebraico, revelando uma estrutura própria, além de um individualismo tipológico. O mesmo autor ainda afirma ser “necessário partir de suas características de origem, tal como se apresentam para textos hebraicos”, para sua compreensão.

Entretanto, não parece evidente que a “origem” das aljâmias seja apenas os textos hebraicos. Os latinos parecem contribuir para a estruturação de um novo e híbrido sistema de escrita tanto quanto os textos hebraicos. Por isso faz-se necessária uma comparação entre os sistemas de escrita hebraico, o latino e o aljamiado, para se alcançar uma percepção mais clara do resultado desse cruzamento a princípio impensável de sistemas aparentemente tão diferentes entre si. A hipótese que se apresenta é a de que deve haver compatibilidade entre eles, possibilitando o surgimento de um terceiro sistema híbrido. As regras que não podem ultrapassar os limites de um dos sistemas, são deixadas



de lado ou sofrem transformações/adaptações, para permitir a legibilidade e a eficácia desse terceiro sistema.

Veja-se o quadro da representação grafemática do *De magia*, adaptado de Duchowny (2007):⁴

Nome	Letra hebraica	Transcrição usual ⁵	Transcrição no <i>De magia</i>	Exemplos	Transcrição
Álef	א	a	<a>		<adebdan> (52r-6)
			sem representação		<onra> (29r-1)
Bet	ב	v			<boas> (52r-10)
Vet (Bet com diacrítico)	בֿ	b	<β>		<βaron> (51v-18)
Guímel	ג	g	<gu; g>		<negocio> (31r-22)
Guímel com diacrítico	גֿ	-	<ch; j; g>		<jentes> (52r-9)
Dálet	ד	d	<d>		<de> (31r-9)
Dálet com diacrítico	דֿ	d	<d̄>		<dibidas> (28v-9)
Hei	ה	h	<a>		<lua>



					(51v-29)
Vav	ו	w	<v; u; o>		<venus> (51v-26)
Zain	ז	z	<z>		<juizo> (31r-26)
Het com diacrítico	ה	h	<8>		<8> (21r-26)
Tet	ט	t	<t>		<artes> (51v-28)
Yud simples	י	y	<i; e>		<estrelas> > (32v-2)
Kaf com diacrítico	כ	kh	<20>		<21> (33r-10)
Lámed	ל	l	<l>		<aquela> (33r-2)
Mem	מ	m	<m>		<amigos> (30v-8)
Nun	נ	n	<n>		<con> (52r-11)
Samech	ס	s	<c; ç>		<oficio> (30v-5)
Ain	ע	'	<a>		<ali> (21v-9)
Pei	פ	f	<p>		<prestar>



					(51v-22)
Fei (Pei com diacrítico)	פ ף	p	<f>		<for> (31r-20)
Tsadik	צ ץ	s	<ç>		<justiça> (31r-26)
Kuf	ק	q	<c; qu; q>		<cobrar> (30v-20)
Resh	ר	r	<r>		<mares> (51v-31)
Shin	ש	š	-	-	-
Sin	ש	ś	<s; x>		<mulheres> (52r-3)
Tav	ת	t	-	-	-

Como se pode ver, o alfabeto hebraico sofre transformações e é “acomodado” para dar conta das idiossincrasias da língua portuguesa do século 15. Alguns grafemas requerem maior conhecimento da língua e maior necessidade de análise do contexto e do uso dos conhecimentos pelo leitor do que outros: é o caso de guímel, sem e com diacrítico, que tem como equivalentes tanto o <gu> quanto o <g>, de samech (<c> e <ç>), de kuf (<c>, <qu> e <q>), e de sin (<s> e <x>). Mais desafiadoras ainda são álef, equivalente a <a>, mas também sem representação alguma, de vav (<v>, <u> e <o>) e de yud (<i> e <e>). Todos apresentam uma ambiguidade que dificulta a leitura daquele que não domina bem a língua portuguesa. Por outro lado, alguns grafemas parecem explicitar certos aspectos que seriam mascarados pela escrita latina, como é o caso de bet com diacrítico (fricatização de /b/?) e dálet com diacrítico (dentalização de /d/?).

Os aspectos provavelmente mais significativos – e que geram mais atrito – para a comparação entre os sistemas são a completude e a economia. A completude



“se refere à capacidade de transferir o maior número possível de idéias distintas da fala para o papel” (SAMPSON, 1996, p. 107). A economia, por sua vez, “tem relação com o desejo de haver poucos símbolos para se aprender e empregar para a representação dos enunciados em geral” (SAMPSON, 1996, p. 108). Conforme teste feito por Sampson (1996), um mesmo texto em hebraico teria 30% a menos de letras do que um em inglês. Isso significa que cada ocorrência de uma letra hebraica tem, em média, quase a metade da importância na determinação do significado do texto em que ocorre, em comparação com a mesma importância de uma letra do alfabeto latino no texto em inglês. Os dados do experimento atestam que a escrita hebraica compacta a informação no papel.

Quanto às aljamias, a diferença de um trecho do *De magia* no original (como em (1a)) e de uma transcrição (como em (1c)) é de apenas 9%, podendo a aljama (representada por A no diagrama abaixo) ser inserida em um ponto entre um extremo, o hebraico (H), e outro, o português em caracteres latinos (L), configurando-se no seguinte:

+ economia	0	_____		___		_		100	- economia
- completude				H	A	L			+ completude
- redundâncias									+ redundâncias

Evidentemente, cada uma das escritas apresenta idiossincrasias que não existem nos outros sistemas e vice-versa. Ao contrário do sistema hebraico, foi só na Idade Média que surge a preocupação, na Europa, com a separação das palavras ou com a colocação dos sinais de pontuação. Naquele período, a necessidade de se distinguir uma palavra da outra esteve presente desde os textos iniciais. Na aljama do *De magia*, a separação vocabular respeita ora o critério morfológico, ora o fônico, o que era feito muito comumente no século 15 pelos escritores de português da época. A pontuação segue a mesma tendência, com o uso de ponto medial (<•>) e de dois pontos verticais (<:>), apenas.

A combinação de letras minúsculas com maiúsculas de um estilo contrastante foi formalizada no século 15 pelos italianos, o que não aconteceu até hoje com o hebraico e não se encontra presente em *De magia*.



Tampouco há uso, em um mesmo texto, de fontes itálica e romana. Elas passaram a ser usadas na impressão de um único texto, com os itálicos reservados para fins como a ênfase e a diferenciação, apenas a partir do século 16, na França. Em um texto hebraico, uma palavra a ser enfatizada é impressa com espaços entre as letras – uma distinção bem menos observável (SAMPSON, 1996). Em *De magia*, não há maior espaçamento entre as letras e a estratégia para enfatizar uma palavra ou um trecho é aumentar o tamanho das letras, como um todo, em o dobro do usual. Por exemplo, na seção em que há uma descrição dos signos do zodíaco, a primeira ocorrência do nome de cada um deles tem o dobro do tamanho das letras do resto do texto (fólio 6r, linhas 9 a 11):

(2a) אי פרופארון אואותראש קואושש שופרי קי אדיפבאן אישתיש שיגנוש שיגונדו
יאגוריאה די ריאיי : אייראש אדיבדא שופרי אוש ריאייש

(2b) e probaron outras cous<a>s sobre que adebdan estes signos segundo agoria di rey : ayras adebda sobre os reys

Conclusão

Há mais similaridades do que diferenças entre a escrita consonantal do hebraico, as línguas semíticas em geral e a escrita latina. De fato, todo e qualquer sistema de escrita que perdura ao longo de um determinado período apresenta algum tipo de hibridismo, gerando, até mesmo, dificuldade em determinar a predominância de um certo sistema. Chega-se a não se distinguir a origem de cada uma das características, muitas vezes entrelaçadas entre si. É assim com as aljamias hebraicas. Mas isso não implica que as aljamias sejam uma mera sobreposição dos sistemas de partida, pois são criadas novas regras, tornando esse sistema de escrita um eficaz meio de comunicação.

Nas aljamias hebraicas, os elementos fônicos de uma língua são representados por sinais distintos dos empregados na escrita tradicional dessa língua. Isso pode ser uma desvantagem em alguns aspectos – regras para uma língua semítica misturam-se com regras para uma língua não semítica e as normas de transcrição acabam tornando-se bem mais complexas. Por outro lado, a compreensão da representação gráfica da aljama pode oferecer importantes contribuições para os estudos do contato entre sistemas de escrita e suas consequências, e da situação de contato entre judeus e não judeus, isto é, usuários ou não de uma língua/escrita judaica. Ou então, como fez Quintana (2014) (mas sob o ponto de vista gramatical), contribuiria para entender melhor



as situações de contato linguístico e os hibridismos resultantes dele, entre as próprias línguas judaicas.

Que esta discussão sirva de estímulo para que lancemos nosso olhar em direção às aljamias e seus processos de representação dos grafemas latinos, a partir de um paradigma semítico, e que nos demos conta do importante papel do contato linguístico na sua criação e no seu uso.

* **Aléxia Teles Duchowny** é licenciada em Letras-Francês pela Universidade Federal de Minas Gerais (1996), mestre em Letras-Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000) e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007), com bolsa-sanduíche na Hebrew University of Jerusalem. Suas pesquisas são direcionadas, principalmente, para as áreas de Linguística histórica e comparada, Filologia românica, Línguas judaicas e Crítica textual.

** **Maria Antonieta A. de M. Cohen** possui graduação em Letras-Português/Alemão pela Universidade Federal de Minas Gerais (1973), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (1982), doutorado em Linguística Histórica pela Universidade Estadual de Campinas (1990) e pós-doutorado pela Université Stendhal, Centre de Dialectologie, Grenoble, França (1996-1997). Seus projetos se centralizam nas áreas da Linguística e da Filologia Românicas, com ênfase na Linguística Histórica Românica, atuando principalmente nos seguintes temas: sintaxe histórica, edição (crítica textual, edótica), português antigo, dialeto mineiro, línguas antigas, línguas ameaçadas de extinção: judeu-espanhol, francoprovençal, língua dos ciganos.

Notas

¹ “Os acentos gráficos, existentes apenas no sistema latino, só cobrem parte do problema, já que as regras para o seu uso limitam-se a palavras isoladas” (CAGLIARI, 2000, p. 27).

² A /a/ longa não pode ser escrita, exceto no final de palavra.

³ O autor se refere especificamente às comunidades minoritárias (judaicas e árabes) da Espanha.

⁴ Cf. Encarte. Para um estudo grafemático, ver Duchowny (2012).

⁵ Cf. BEREZIN, 1995.

Referências

BEREZIN, R. *Dicionário hebraico-português*. São Paulo: Edusp, 1995.



- BYNON, T. *Historical linguistics*. Oxford: CUP, 1986.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização & linguística*. São Paulo: Scipione, 2000.
- CAGLIARI, L. C. *A história do alfabeto*. São Paulo: Paulistana, 2009.
- DIRINGER, D. *A escrita*. Lisboa: Verbo, 1968.
- DUCHOWNY, A. T. *De magia (Ms. Laud Or. 282, Bodleian Library)*: edição e estudo. 2007. 323 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- DUCHOWNY, A. T. Astrologia e manuscritos medievais judaicos: interfaces. *Agália*, n. 101, p. 35-55, 2010a.
- DUCHOWNY, A. T. *De magia (Ms. Laud Or. 282, Bodleian Library)*: descrição codicológica. *Caligrama*, v. 15, n. 2, p. 89-109, 2010b. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/35>>. Acesso em: 11 maio 2012.
- DUCHOWNY, A. T. *De magia (Ms. Laud Or. 282, Bodleian Library)*: representação grafemática e transcrição. *Filologia e linguística portuguesa*, v. 1, n. 14, 2012. (No prelo).
- ENCICLOPEDIA Judaica Castellana. México: Enciclopedia Judaica Castellana, 1950. v. 7.
- ESCOLAR, H. (Dir.). *Los manuscritos españoles*. Madrid: Fundación Sánchez Ruipérez/Pirámide, 1993.
- GONZÁLEZ LLUBERA, I. Tow old astrological texts in Hebrew characters. *Romance Philology*, n. 6, p. 267-272, 1952.
- HEGYI, O. Reflejos del multiculturalismo medieval: los tres alfabetos para la notación del iberroromance. *Nueva Revista de Filología Española*, n. 30, p. 92-103, 1981.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M.; FRANCO, F. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LAMBERT, M. *Traité de grammaire hébraïque*. Paris: PUF, 1946.
- LOPES, D. *Textos em aljamia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897.
- MINERVINI, L. *Testi giudeospagnoli medievali*. Napoli: Liguori, 1992.
- QUINTANA, A. Judeo-Spanish in contact with Portuguese. In: AMARAL, P.; CARVALHO, A. M. (Ed.). *Portuguese-Spanish interfaces: diachrony, synchrony and contact*. John Benjamins, 2014. p. 65-94.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. Disponível em: <<http://www.rae.es/rae.html>>. Acesso em: 17 out. 2012.
- SAMPSON, G. *Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia*. São Paulo: Ática, 1996.
- SHANNON, C. E.; WEAVER, W. *The mathematical theory of communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1949.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de lingüistique générale*. Paris: Payot, 1985.



-
- SIRAT, C. *Hebrew manuscripts of the Middle Ages*. Cambridge: CUP, 2002.
- STROLOVITCH, D. *Old Portuguese in Hebrew script: convention, contact and convivência*. 2005. 447 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Cornell University, 2005. Disponível em: <<http://www.jmrg.org/strolovitch/disspage/>> Acesso em: 26 jun. 2011.
- STROLOVITCH, D. Selections from a Portuguese treatise in Hebrew Script: o *Livro de como se fazem as cores*. *Cornell Working Papers in Linguistics*, n. 17, p. 185-196, 2000.
- TEYSSIER, P. Les textes en 'aljamia' portugaise; ce qu'ils nous apprennent sur la prononciation du portugais au début do XVIe siècle. *Atti XIV Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Napoli: Gaetano Macchiaroli, p. 181-196, 1977.
- TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.
- WEINREICH, U. *Languages in contact*. New York: Mouton, 1967.